

TRÂNSITO / Funcionário do Banco do Brasil, Octavio Castanho, 54 anos, que estava com os filhos no carro, morreu ao bater em uma árvore. A PCDF investiga se outro veículo causou o sinistro e fugiu sem prestar socorro

Polícia apura acidente na Epig

» CARLOS SILVA
» LETÍCIA MOUHAMAD
» MARIANA CAMPOS
» PAULO GONTIJO

Um grave acidente de trânsito na noite de sexta-feira, nas proximidades do estacionamento 5 do Parque da Cidade Sarah Kubitschek, causou a morte do bancário Octavio de Melo Castanho, de 54 anos. Funcionário do Banco do Brasil, ele era conhecido entre colegas pelo apelido de “Tatá” e deixa dois filhos, de 10 e 8 anos, que estavam no veículo no momento da colisão e ficaram feridos. O corpo deverá ser enviado para São Paulo, onde será velado.

O acidente ocorreu por volta das 22h40, na Estrada Parque Indústrias Gráficas (EPIG). Octávio conduzia um Peugeot branco quando o carro atingiu uma árvore. O impacto foi tão intenso que partes do automóvel ficaram espalhadas por vários metros. O motorista morreu no local, enquanto as duas crianças foram socorridas pelo Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal (CBMDF) e encaminhadas ao Hospital de Base. Uma delas precisou ser retirada das ferragens, onde estava presa.

Segundo familiares, a mais nova, uma menina de 8 anos, teve o braço

quebrado com a batida. Ela segue internada, em estado estável, mas ainda não tem condições de receber a notícia da morte do pai. A outra criança, um menino de 10 anos, recebeu alta e deverá ser informado sobre o óbito. Ambos estão acompanhados por uma amiga da mãe enquanto recebem assistência.

Embora a colisão tenha ocorrido contra uma árvore, a Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) apura se outro veículo teve participação no acidente. A ocorrência foi registrada pela 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul) pelos crimes de omissão de socorro, acidente de trânsito com uma morte e dois feridos e evasão do local de acidente de trânsito.

Segundo a corporação, equipes estiveram no local durante a madrugada para realizar os primeiros levantamentos e a perícia. “A circunscrição está em diligência para identificar e localizar o autor”, informou a PCDF, indicando que a investigação considera a possibilidade de envolvimento de um segundo condutor. Até o momento, a dinâmica do acidente não foi esclarecida.

Perda

Familiares descreveram Octavio de Mello Castanho como um homem

Material, cedido ao Correio



Os dois filhos de Octavio se feriram, mas sobreviveram

amoroso. “Ele era uma pessoa apaixonada pela vida, apaixonada pelos filhos, pela família. Colocava acima de tudo a família dele. Tinha muitos amigos e era muito querido”, afirmou a sobrinha, Carolina Castanho.

A sobrinha também lembrou que o tio era um torcedor fanático do São Paulo e aproveitava todas as

oportunidades para acompanhar o time. “Ele viajava para ver todos os jogos possíveis que conseguia. Era muito apaixonado pelos filhos, fazia de tudo por eles. Era um filho maravilhoso, ligava para a mãe todos os dias”, contou.

Emocionada, Carolina disse que o tio exerceu um papel fundamental

em sua vida. “Foi uma pessoa que acreditou em mim em cada momento, em cada decisão importante da minha vida. Ele estava sempre ali”, relatou. Segundo ela, Octavio era conhecido pelo bom humor e pela forma leve de encarar a vida. “Era uma pessoa muito amada, muito querida, que sorria, que era alegre, que gostava muito de brincar. Mesmo com as dificuldades da vida, ele estava sempre feliz.”

A família também afirmou acreditar que outro veículo tenha contribuído para o acidente. De acordo com a irmã de Octavio, testemunhas relataram que o carro da vítima teria sido fechado por outro motorista, que deixou o local sem prestar socorro. “Parece que alguém o fechou, mas teve evasão do local do acidente. Tem testemunha e mais um casal que ficaram com as crianças até a chegada do socorro”, disse.

A morte de Octavio causou grande comoção entre colegas do Banco do Brasil. Em nota divulgada internamente, funcionários lamentaram a perda do servidor. “É com imensa tristeza no coração que informo que nosso amigo de tantos anos, Octavio de Mello Castanho (Tatá), faleceu ontem à noite em um acidente de carro”, diz o comunicado. A mensagem pede preces pela recuperação

da menina e pela família. “Peço que orem pela recuperação dela e pela alma do nosso amigo.”

Colisão

As imagens do local mostram a força da batida. O para-brisa ficou completamente destruído, os airbags foram acionados e a porta do motorista ficou retorcida. O para-choque do veículo foi lançado a cerca de quatro metros da árvore atingida. Colchonetes infantis e outros pertences da família ficaram espalhados pela pista. O Corpo de Bombeiros mobilizou quatro viaturas para realizar o resgate das vítimas. A Polícia Militar (PCDF) preservou o local até a chegada da perícia da Polícia Civil.

Moradores e frequentadores da região relataram que o trecho da EPIG onde ocorreu o acidente passa por obras, possui iluminação reduzida e desvios considerados perigosos. Um motorista que passava pelo local afirmou que, após a retirada de radares na via, alguns condutores passaram a trafegar em alta velocidade. Essas circunstâncias, no entanto, ainda serão analisadas no curso da investigação e não há confirmação oficial de que tenham contribuído para o acidente.

Obituário / Sepultamentos realizados em 11 de julho de 2026

» Campo da Esperança

Campo da Esperança
Ademir Bambora, 73 anos
Ana Antônia de Sousa, 95 anos
Aurelina Rodrigues Braga, 95 anos
Benedito João de Farias Aguiar, 84 anos
Calina Ferreira da Rocha, 70 anos
Ciro Pinheiro de Miranda, 76 anos
Francisca Pereira da Costa, 97 anos
José Diniz de Melo, 84 anos
Maria da Conceição Pereira Marques, 87 anos

Maria da Glória Thess de Abreu, 97 anos
Maria do Rosário Pena Pereira, 77 anos
Maria Elizabeth Martins, 82 anos
Maria José Ferreira, 96 anos
Maria Marta Borges Bergamaschi, 80 anos
Maria Solange de Freitas, 92 anos
Nadege Gomes Adriano, 91 anos
Wilson Hirochi Toyamamoto, 67 anos

» Taguatinga

Cedina Batista de Sousa, 81 anos
Celso Mangueira da Silva, 84 anos

Cicero Alves de Souza, 79 anos
Etevaldo de Oliveira Negri, 75 anos
Francisco de Assis Vígano, 71 anos
Janete de Lima Pimentel, 57 anos
Luiz Tavares, 72 anos
Maria Francisca Duarte, 77 anos
Orisvaldo Silva Brandão, 67 anos
Raimundo Ferreira de Araujo Filho, 62 anos
Sabrina Costa, 47 anos

» Gama

Fernanda Ferreira Lima, 25 anos

Levy Vinicius Costa Santos, 9 dias
Matheus Santos Moreira, 32 anos
Ravi Milomes, 1 dia
Welber Gabriel Cruz Lopes, 27 anos
Wilson Bernardo Batista, 64 anos

» Planaltina

Ayla Rodrigues da Silva Mendes, 4 anos
Francisco Carlos Duarte, 74 anos
Suely de Oliveira Almeida, 77 anos

» Brazlândia

Maerle Santana do Nascimento, 39 anos

» Sobradinho

Helia Gonçalves do Nascimento Pereira, 64 anos
Luciano José do Nascimento, 45 anos

» Jardim Metropolitano

Cosmo Rodrigues dos Santos, 75 anos
Monica Versiani Cintra, 67 anos (cremação)
Maria De Fatima De Resende Caixeta, 67 anos (cremação)



Candangos

JORGE HENRIQUE CARTAXO* | jorgehenrique.cartaxo@gmail.com
ESPECIAL PARA O CORREIO

Vladimir Carvalho: Os olhos férteis

Cadu Gomes/CB/DA Press



“Nós moramos, desfrutamos de uma imensa, fabulosa, magnífica arquitetura. Ninguém passa incólume pela Esplanada dos Ministérios. Se formos a cada edifício, a cada capricho arquitetônico do Niemeyer, contemplamos uma obra de arte enorme...nós somos protagonistas disso também. Quem nasce em Brasília, já nasce no meio de uma obra de arte. Depois, é o seguinte: Brasília é um tambor onde ressoa toda a problemática brasileira. Temos o Congresso, o Judiciário e o Poder Executivo, a presidência da República. Os Três Poderes moram aqui. Isso produz um tipo de cultura vis a vis com a alma da nação. Toda a problemática brasileira ressoa no Congresso Nacional...o fato de Brasília ter sido partilhada pelas câmeras do cinema, a fez umbilicalmente ligada à cultura universal. Não existe outra capital no mundo que tenha surgido assim e com essa força extraordinária da arquitetura. O projeto urbanístico de Lucio Costa é maravilhoso! Um avião que não é avião, mas que pode ser uma cruz, pode ser o descobrimento, a primeira missa...tudo está aqui! A essência de Brasília, o charme de Brasília que é enorme!”

Assim Vladimir Carvalho descreveu o seu encantamento com a nossa cidade, na sua última entrevista, em vida, para a jornalista Marcia Zarur, na Fundação Cinememória, no dia 5 de outubro de 2024. Ele viria a falecer 19 dias depois, no dia 24. Vladimir Carvalho chegou em Brasília em 1970, convidado pelo professor e amigo Fernando Duarte, para montar, na

Universidade de Brasília (UnB), o centro de produção de documentários. O projeto nunca se viabilizou exatamente, mas Vladimir acabou ficando no Planalto, onde viveu por mais 54 anos. Aqui ele foi professor na UnB, se consolidou como um dos maiores documentaristas do Brasil e, last but not least, fez valer a sua aura de um militante convicto e consistente de dois valores básicos que abraçaram parte expressiva da inteligência ocidental no pós-guerra: a liberdade e a justiça social. Provoações e denúncias estavam, e estão, em todas as suas películas.

Vladimir produziu uma grande obra em qualidade, não exatamente em quantidade, pouco mais de 20 documentários (com vários prêmios em Brasília). Ao contrário da tradição europeia, o cinema no Brasil optou pelo entretenimento hollywoodiano em detrimento da memória e da história. Especificamente em relação a Brasília – o trabalho de Vladimir é muito significativo também no Nordeste – ele realizou pelo menos três grandes documentários: *Contrerrâneos Velhos de Guerra*, *Barra 68* e *Rock Brasília – Era de Ouro*. Nessas três obras ele sublinha a sua extraordinária participação na

construção da identidade e no sentido de pertencimento à Civita, Urbs e Pólis concebida por Lucio Costa.

Em *Contrerrâneos Velhos de Guerra*, Vladimir nos oferece a feição da epopeia da construção de Brasília sob a perspectivas dos 50 mil trabalhadores que se apinharam no canteiro de obras e nos aglomerados humanos improvisados dos seus arredores. As cenas mais fortes do documentário trazem a ação violenta da Guarda Especial de Brasília nos alojamentos da construtora Pacheco Fernandes Dantas, no carnaval de 1959, e a tensa entrevista com Oscar Niemeyer sobre o episódio.

No *Barra 68 – Sem Perder a Ternura*, ele narra a construção do grande e inovador projeto da UnB conduzido por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. O filme traz, ainda, o impacto dos governos militares no seu esforço de destruição da nova universidade, com destaque para a violenta invasão pelo Exército do campus em 1968, quando foram presos mais de 500 estudantes com a consequente e expressiva demissão de professores. *Rock Brasília – A Era de Outro*, oferece para a cidade, com a sensibilidade de Vladimir Carvalho, a mais importante e visível manifestação cultural da juventude brasiliense na década de 1980. As bandas Capital Inicial, Legião Urbana, Paralamas do Sucesso e Plebe Rude, mostraram a sua força, irreverência, poesia e talento para o Brasil.

Vladimir Carvalho nasceu em Itabaiana, na Paraíba, em 1935, numa antiga e próspera região de grande comércio de gado, um centro boiadeiro. Em 1945, para continuar os estudos, vai para Recife. Em 1949 voltou para a Paraíba, agora em João Pessoa, onde o pai, comerciante, havia se estabelecido. No final da década de 1950, com apenas 15 anos, ele dirigia um programa de rádio – *Luzes do Cinema* – e escrevia crítica de cinema nos jornais da cidade. Nesse mesmo período foi convidado por Linduarte Noronha para escrever o roteiro de *Aruanda* – obra inaugural do que viria ser posteriormente o chamado Cinema Novo.

Em 1962, depois de realizar com o amigo João Ramiro o documentário *Romeiros da Guia*, Vladimir vai para Salvador terminar o curso de

Filosofia na universidade. Na Bahia ele conhece e fica amigo de Glauber Rocha, Caetano Veloso, Maria Bethânia, Orlando Senna, Torquato Neto, e Álvaro Guimarães. Foi também na Bahia que ele ingressou no Centro Popular de Cultura, e iniciou, como assistente de Eduardo Coutinho, a realização de *Cabra Marcado para Morrer*.

Ainda em companhia de Coutinho, Vladimir foi conhecer as filmagens de *Os Fuzis*, de Ruy Guerra. Com o golpe de 1964, suas atividades foram interrompidas e a perseguição dos militares o levou à clandestinidade. Em 1965, agora no Rio de Janeiro, Vladimir foi assistente de Arnaldo Jabor e se dedicou, na maior parte do tempo, ao jornalismo no *Diário de Notícias*. Em 1969, apresentou o filme *A Balandeira* no Festival de Cinema de Brasília. O documentário recebe um dos prêmios e ele reencontra o amigo Fernando Duarte. O paraibano vira Candango. Brasília recebe e acolhe o mestre edificante, refinado, exemplar e admirável memorialista, artesão poético das películas!

A Fundação Cinememória, que abriga o majestoso acervo museológico de Vladimir Carvalho, será realocada para a Casa da América Latina, da UnB. Uma iniciativa do Coletivo Editorial Maria Cobogó, que provocou o IPHAN, que levou a proposta para a UnB. A professora Rozana Naves, reitora da UnB, vem conduzindo com elogiável zelo e cuidado esse projeto especial da memória da nossa cidade e do Brasil. Bravo!

Jorge Henrique Cartaxo

é jornalista, mestre em história pela Universidade Paris-Sorbonne